Dia 16 — Santo Ado, Arcebispo de Viena

Martirológio Romano

Santo Eusébio, bispo de Vercelli e mártir, de quem se fez memória no dia 1.º de agosto e também ontem.

Os três santos meninos Ananias, Azarias e Misael, cujos corpos se depositaram junto a Babilônia numa cova. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Valentino, mestre de campo, Concórdio, seu filho, Navor e Félix, em Ravena; os quais, na perseguição de Maximiano, derramaram seu sangue por Jesus Cristo.

Santa Albina, virgem e mártir, em Formia, onde agora está Mola, na Campânia, no tempo do imperador Décio.

O martírio de muitas santas virgens, na África; as quais, na perseguição dos vândalos, reinando Hunerico, ariano, sofrendo pela fé católica ser penduradas no ar, atadas com graves pesos, e ser abrasadas com planchas de metal ardente, chegaram ditosamente à coroa do martírio.

Santo Ado, bispo e confessor, em Viena, na França. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Beano, bispo, em Aberdeen, na Irlanda.

São Irenião, bispo, em Gaza, na Palestina.

Santo Ado, Arcebispo de Viena

Santo Ado era de uma das mais nobres e mais antigas famílias do Gatinais. Veio ao mundo no tempo de Carlos Magno, pelo ano de 800. Como seus pais eram muito virtuosos, querendo dar a seu filho uma educação honrada e verdadeiramente cristã, sendo ainda muito jovem, puseram-no no mosteiro de Ferrières, que estava imediato ao lugar de sua habitação, para que ali o educassem na piedade e nas ciências. O abade Sigulfo recebeu-o com tanto maior gosto quanto, além da

atenção que se devia a sua família, descobriu em Ado um gênio tão feliz, um espírito tão vivo e tão despejado, uma ingenuidade e, sobretudo, uma inclinação tão visível à piedade, que propôs não omitir diligência alguma para dar-lhe uma educação que servisse para cultivar e fazer valer tão grandes talentos. Com efeito, fez tão grandes progressos nas ciências que deixou muito atrás todos os de sua idade; mas no que mais adiantou foi no caminho da virtude. Todos estavam admirados de ver tanta prudência num mancebo tão jovem. Sua devoção sobressaía tanto que não havia um que não estivesse encantado de sua modéstia, de sua mansidão, de sua humildade; mas o que mais pasmava era que, elevando-se sobre as fraquezas ordinárias às crianças, privava-se das comodidades e diversões, ainda as mais indiferentes, procurando imitar em tudo a gravidade dos velhos do mosteiro.

Conforme Ado crescia em idade, crescia em prudência e em virtude: todo o seu tempo estava dividido entre a oração e o estudo; ainda que o estudo não interrompia sua oração. O mundo o lisonjeava e nada esquecia para seduzi-lo com a esperança de uma das mais brilhantes fortunas, fundada sobre tantas e tão belas qualidades; mas o virtuoso jovem estava demasiado iluminado para deixar-se surpreender de aparências. Havia já experimentado demasiado as doçuras e vantagens sólidas que se encontram no serviço de Deus para que quisesse servir jamais a outro dono; e assim resolveu abraçar o estado religioso. A abadia de Ferrières, em que se havia criado, estava então cheia de santos religiosos, todos os quais receberam com incrível gozo a Ado, o qual em pouco tempo chegou a ser o mais perfeito modelo de todos eles. Distinguiu-se logo pela exata observância das menores regras e por uma pontualidade pasmosa em cumprir perfeitamente todas as suas obrigações: duro consigo mesmo, não tinha para com todos os outros senão modos doces e corteses e uma igualdade de humor que fazia o elogio de sua alta virtude. Em pouco tempo chegou a ser um dos mais sábios de seu século; mas sua ciência o fez ainda mais humilde, e os empregos mais humilhantes do mosteiro foram os únicos de seu gosto.

Uma virtude tão eminente não podia estar oculta: nos mosteiros vizinhos se falava da ciência e da rara piedade do monge Ado como de um prodígio; e todos invejavam ao mosteiro de Ferrières tão rico tesouro. Marcuardo, abade de Prüm, na diocese de Tréveris, que havia sido monge em Ferrières, onde conservava ainda muitas correspondências, tendo ouvido falar do mérito de nosso Santo, quis tê-lo perto de si para fazê-lo mestre de noviços: por mais que os monges de Ferrières sentissem perder um tão excelente sujeito, não puderam negá-lo ao abade Marcuardo. A presença de Ado deu a conhecer que a fama havia ficado muito curta em seus louvores. Descobriram-se nele ainda mais virtudes que as que a reputação lhes havia anunciado, e talvez mais que os imperfeitos quereriam ver em um de seus irmãos. Sua vida austera, sua exatidão no ofício, seu fervor, sua devoção feriram e amarguraram os olhos e o coração daqueles a quem seu exemplo fazia desesperar, pelo que achou mais invejosos que imitadores; e vendo que os espíritos se enconavam mais e mais, depois de haver permanecido algum tempo no mosteiro de Prüm, pensou em retirar-se, o que executou depois da morte do abade Marcuardo, que sucedeu no ano 853, tendo tomado primeiro a licença de quem devia. Não querendo voltar a Ferrières, empreendeu, com licença de seus superiores, a viagem de Roma, a fim de visitar os sepulcros dos santos Apóstolos e dos Mártires: permaneceu naquela cidade cerca de cinco anos, e sua virtude se fez admirar tanto como sua ciência; de sorte que o nome de Ado veio a ser muito conhecido. De volta para a França, passou por Ravena, onde compôs seu Martirológio sobre outro mais antigo que se havia enviado de Roma a Aquileia e lhe emprestaram. Esta obra aumentou a reputação que já havia adquirido. Ao

voltar da Itália passou por Lião, de onde era bispo São Remígio, o qual quis detê-lo em sua cidade. O fundo admirável de doutrina e de piedade que descobriu em Ado fê-lo crer que não podia fazer coisa melhor que agregá-lo ao serviço de sua igreja. Pediu licença para isso a Lupo, abade de Ferrières, seu superior, de uma maneira tão enérgica que a conseguiu. Tendo-o já São Remígio a sua disposição, deu-lhe a governar a igreja e a paróquia de São Romano, perto de Viena. Santo Ado portou-se neste novo encargo com tanta prudência e edificação, e seu zelo e piedade se fizeram admirar tanto, que derramou Deus tantas bênçãos sobre seus trabalhos que veio a ser o oráculo de todos os países vizinhos; de modo que vinham a ele gentes de todas as partes para aproveitar-se de seus conselhos e exemplos.

Estava nosso Santo numa reputação tão grande em todo o país que, tendo morrido Agilmaro, arcebispo de Viena, foi nomeado de comum consentimento pelo clero e pelo povo para ocupar a sé vaga. Todos os bispos da província aplaudiram a eleição; só ele não queria prestar seu consentimento, antes pensava em retirar-se; mas vendo que todos insistiam em que havia de aceitar o episcopado, rendeu-se e cedeu por não resistir mais tempo à vontade de Deus, manifestada visivelmente neste unânime consentimento. Em meio de ser a eleição tão canônica, não deixou de ter oposição. Fez-se correr a voz de que Ado era um monge vagamundo que havia escapado fugitivo de seu mosteiro. Para esclarecer este rumor foi preciso um testemunho de seu abade, o qual deu Lupo, seu antigo mestre, abade então de Ferrières, e dirigiu-o ao conde Gerardo, que era o senhor mais poderoso da província; nele declarou que Ado, seu religioso e seu discípulo, jamais havia fugido de seu mosteiro: que ele mesmo o havia enviado a Prüm, a rogos do abade Marcuardo, para educar os noviços naquele espírito de regularidade e de fervor de que ele mesmo dava tão grandes exemplos: que depois de haver morado algum tempo no mosteiro de Prüm, cedendo à inveja daqueles a quem seu demasiado mérito tinha desgostados, havia empreendido, com a licença de seus superiores, a viagem de Roma: que a rogos de Remígio, bispo de Lião, que desejava tê-lo junto a si, lhe havia enviado suas letras de obediência, ainda que a licença que lhe havia dado de palavra podia bastar: que Ado era um homem de qualidade, ainda mais digno do episcopado pela pureza de seus costumes, por seu saber, por sua eminente virtude e pela regularidade e prudência de sua conduta que por seu nascimento: que ele se cria obrigado a dar este testemunho em favor da inocência e da virtude de Ado.

Tirado o obstáculo de uma maneira que era tão gloriosa para Ado, foi consagrado pelos bispos da província com universal aplauso. Logo que se consagrou o novo Bispo, escreveu ao papa Nicolau I, o qual lhe enviou o pálio em sinal do apreço que fazia de seu mérito. Sua elevação não o fez mudar de costumes; só deu um novo realce a sua virtude, tornando-a ainda mais perfeita. Conservou a mesma humildade, a mesma doçura, o mesmo espírito de mortificação e de piedade que se havia sempre admirado nele. Seu zelo fez os maiores esforços para desterrar a ignorância, reformar os costumes, corrigir os abusos, restabelecer em todas as partes a disciplina e a boa ordem; o que lhe saiu tão bem que em menos de um ano toda a diocese mudou de semblante.

Ainda que era austero consigo, tinha uma doçura extraordinária com os demais; e sem adular o pecado, usava de muita indulgência com os pecadores que queriam seriamente converter-se a Deus. Com seus modos corteses e com suas palavras cheias de doçura atraía os pecadores, movia-os com suas conferências e com seus sermões animados do espírito de Deus; e pondo sumo cuidado em não espantar nem azedar os espíritos, fazia-se tão dono dos corações que lhes

inspirava um horror infinito ao pecado e lhes fazia abraçar gostosos a penitência. Regulou o ofício divino e toda a polícia de sua igreja com uma prudência que foi admirada nos países mais distantes. Como a salvação de seu povo tinha o principal lugar em seu coração, não houve indústria de que não se valesse para a conversão dos pecadores e para inspirar a todos o amor à penitência. Com este fim mandou construir à entrada de sua igreja catedral uma capela sobre o modelo do sepulcro de Nosso Senhor, sob a invocação dos três célebres penitentes: Santa Maria Madalena, a pecadora, São Pedro e o Bom Ladrão. O Senhor quis mostrar quão agradável lhe era a piedosa indústria de seu servo e quão de sua aprovação era a devoção dos fiéis a estes santos penitentes, por meio de um número prodigioso de milagres que se operaram nesta capela.

Sua caridade com os pobres era tão ardente como seu zelo pela conversão dos pecadores. Afora que não tinha rendas senão para eles, edificou e dotou muitos hospitais; sendo tão viva e tão conhecida a compaixão que tinha aos pobres que era olhado como o pai de todos eles. Sua porta estava aberta para todo o mundo, e em todo tempo, ainda no de seu preciso descanso; dizendo que uma das primeiras obrigações de um bispo era ser a toda hora acessível a seu povo para aliviá-lo e consolá-lo a toda hora em todas as suas penas e aflições.

Assistiu nosso Santo ao concílio de Tusey, perto de Toul, na Lorena, no ano 860, onde resplandeceu e se fez admirar tanto por sua piedade e sua regularidade como por sua erudição e sua ciência. Mostrou sua retidão e firmeza no espinhoso negócio do divórcio de Lotário, rei da Lorena, e de sua mulher Teutberga e de seu casamento escandaloso com Waldrada. Ado, inimigo de todo respeito humano e de toda indigna adulação, muito longe de seguir o pernicioso exemplo de muitos covardes prelados, sustentou a verdade e autoridade dos sagrados cânones com tanto zelo que o papa Nicolau, que o chamou seu santíssimo irmão, não pôde deixar de louvar sua firmeza e sua vigilância e o zelo que o havia animado a obrar tão poderosamente pela honra e edificação da Igreja contra os prevaricadores das santas leis e corruptores da disciplina.

Tendo voltado a sua igreja, teve um concílio no ano 870; e assistiu a outros dois celebrados na cidade de Châlons-sur-Saône no ano 873 e 875. Mas ainda que não havia negócio de importância na Igreja em que não se visse obrigado a tomar parte e ainda que as necessidades de sua diocese davam que fazer bastante a sua solicitude pastoral, todos estes negócios não lhe faziam cercear nada de sua frequente oração nem da severidade de seu jejum e demais austeridades; e ainda que estava continuamente ocupado em atender às necessidades exteriores dos fiéis, tinha sempre o espírito tão recolhido que jamais o viam distraído. Era tão infatigável no exercício de suas funções episcopais que, longe de dar a seu corpo o repouso necessário, passava a maior parte da noite em oração e no estudo. Ilustrou seu século com os frutos de seus estudos e de seus trabalhos. Além do Martirológio de que falamos e que lhe fez tanta honra, compôs a história do martírio de São Desidério, arcebispo de Viena, e a vida de São Teuderio, abade da mesma cidade. Temos também dele uma Crônica universal desde o princípio do mundo até o fim de sua vida, dividida em seis idades: a primeira, desde o princípio do mundo até o dilúvio; a segunda, desde o dilúvio até Abraão; a terceira, desde Abraão até Davi; a quarta, desde Davi até o cativeiro de Babilônia; a quinta, desde o cativeiro de Babilônia até o nascimento de Jesus Cristo; e a sexta, desde o nascimento de Jesus Cristo até o tempo em que o Santo escreveu esta história. Suas ocupações não o embaraçavam de assistir todos os dias o primeiro aos ofícios de sua catedral e de empregar-se em todas as obras de caridade que ocorriam. Enfim, cheio de dias e de méritos, chamou-o Deus

para dar-lhe a recompensa eterna a que eram credores os trabalhos que havia padecido por seu amor. Sucedeu sua santa morte no dia 16 de dezembro do ano 875, o décimo sexto de seu episcopado e o setenta e cinco de sua idade. Seu corpo foi enterrado na igreja dos Apóstolos, que depois se chamou mais comumente a igreja de São Pedro e que foi o sítio ordinário da sepultura de seus sucessores.

A Trasladação de São Frutuoso, Arcebispo de Braga

O corpo de São Frutuoso, arcebispo de Braga, cuja vida deixamos escrita no dia 10 de abril, manteve-se no mosteiro que ele havia fundado junto àquela cidade, muito tempo depois da perda da Espanha, até o ano 1102, em que o bispo de Compostela, Dom Diego Gelmírez, passou a visitar as possessões que em terra de Portugal pertenciam a sua igreja. Vendo que as relíquias dos Santos não tinham ali o culto devido, resolveu trasladar a sua catedral as que pudesse. Para esta empresa implorou primeiro o auxílio de Deus com orações e sacrifícios; descobriu seu desígnio a alguns familiares seus muito confidentes e, com ajuda deles, sem que ninguém o entendesse, tirou dali um grande tesouro de relíquias com que pudesse enriquecer sua igreja. Uma delas foi o corpo de São Frutuoso. Encarregou a seu arcediago que o levasse por caminhos desusados até a cidade de Tui. Ficou o Bispo em Corneliana, vila pertencente à igreja de Compostela. O rio Minho, que passa junto a Tui, havia saído de madre naqueles dias, nem com barcos se podia atravessar. Ao chegar o arcediago a sua margem, desinchou-se como se houvesse sentido a presença das santas relíquias. Depositaram-nas no convento de São Bartolomeu, que estava no arrabalde de Tui. Deixou ali o arcediago um diácono da igreja de Santiago que as guardasse e voltou aonde estava o Bispo. O diácono, por mandado do Pontífice, levou devotamente estas relíquias à igreja de São Pedro de Celas, que havia edificado São Frutuoso. Dez dias esteve ali aguardando o Bispo. Chegado o Bispo àquele mosteiro, dispôs-se a condução das santas relíquias a Compostela; fez-se com toda solenidade e decoro, saindo a recebê-las o clero daquela igreja a pé descalço com entranhável devoção e ternura. O corpo de São Frutuoso colocaram-no primeiro na nave maior da igreja junto ao altar do Salvador. Quatro anos depois o Bispo fabricou-lhe e consagrou-lhe altar determinado entre o de Santiago apóstolo e a porta do claustro, aonde foi trasladado. Fez-se esta colocação no ano 1102, a 16 de dezembro, em cujo dia a celebrava antigamente a igreja de Compostela. Agora se celebra no mesmo dia a festa do santo Bispo.

Santa Alícia ou Adelaide, Imperatriz

O segundo reino da Borgonha, chamado também de Arles, foi erigido por Carlos, o Calvo, imperador e rei da França, que no ano de 879 deu a Borgonha, Provença, Bresse e o Delfinado com este título a seu cunhado Boso, descendente por sua mãe de Luís, o Pio. Rolfo ou Rodolfo II, rei da Borgonha, foi pai de Adelaide, a quem deixou por sua morte, acaecida no ano de 937, de só seis anos de idade. Aos dezesseis casou com Lotário, rei da Itália, de quem teve uma filha chamada Ema, que casou depois com outro Lotário, rei da França. A morte do marido de nossa Santa, que aconteceu pelos anos de 949, deixou-a viúva e jovem; e as aflições de que foi visitada contribuíram não pouco para desprender inteiramente seu coração do mundo e fizeram-na dedicar-se às práticas de piedade, que desde sua infância haviam sido objeto de suas inclinações. Berengário III, marquês de Ivrea, apoderou-se de toda a Lombardia e sucedeu no título de rei da Itália. Este Príncipe, que havia sido sempre inimigo declarado da família de seu antecessor, pôs Adelaide numa prisão, onde padeceu as maiores injúrias e penalidades. Por fim achou modo de escapar-se e fugiu para a Alemanha; mas foi achada por Oto I, que, a solicitação do papa Agapito II, ia marchando à frente de um exército de cinquenta mil combatentes para fazer-lhe justiça. Apoderou-se de Pavia e de outras praças e casou-se com Adelaide; mas restituiu o reino a Berengário com a condição de feudatário do império. Berengário esqueceu muito cedo seus pactos e promessas; pelo que Oto, a rogo do papa João XII, enviou seu filho Liudolfo contra aquele Príncipe e, morto aquele depois de ganhas várias vitórias, passou o Imperador em pessoa à Itália, fez prisioneiro Berengário e desterrou-o à Alemanha, onde morreu em Bamberg. Depois desta vitória foi coroado Oto em Roma pelo próprio Papa no ano de 963.

Não se envaideceu a boa Imperatriz com esta prosperidade e só usou de suas riquezas e de seu poder para fazer bem a todos, especialmente para proteger, consolar e socorrer a todo necessitado. Oto I, por sobrenome o Grande, morreu no ano de 973, havendo reinado na Alemanha trinta e seis e, como imperador, cerca de onze. Adelaide educou seu filho Oto II com muito cuidado e vigilância, e seu reinado foi feliz enquanto se governou pelos conselhos daquela boa Princesa; mas não se precavendo bastante contra os artifícios dos lisonjeiros, deixou-se seduzir e levar de maus conselheiros. Depois de morta sua primeira mulher, que era filha do marquês da Áustria, casou com Teofânia, princesa grega, e esqueceu de tal modo as obrigações que devia a sua boa mãe que a desterrou de sua corte. Os infortúnios fizeram abrir os olhos a este Príncipe; restituiu-a de seu desterro. E dando ouvidos aos conselhos dela, reformou os muitos abusos de seu governo. Derrotado na Calábria este jovem Imperador pelos gregos, morreu de uma disenteria em Roma no ano de 983, depois de um reinado de nove. Sua imperiosa viúva Teofânia, que ficou governadora por seu filho Oto III, fez ponto de honra insultar sua piedosa sogra; mas Adelaide não dava mais recompensa a seus maus-tratos que maiores mostras de amor, mansidão e paciência. Tirada do meio com uma morte repentina a jovem Imperatriz, viu-se obrigada a Santa a tomar a seu cargo a regência do reino, em cuja ocasião se manifestou mais que nunca quão morta estava para si mesma. Olhava seu poder unicamente como carga e como um peso insuportável para seus ombros; mas ao mesmo tempo se aplicava aos negócios públicos com um esmero infatigável. Tão insensível se mostrava ao ódio e ao ressentimento que pagava com benefícios a quem a ofendia com injúrias e àqueles cortesãos de quem antes havia recebido maiores danos; mas sua atenção a estes negócios jamais a impediu a que sempre teve aos exercícios de mortificação e devoção. Às sete se retirava a seu oratório a pedir com humilde oração a luz celestial em seus conselhos e a chorar diante de Deus por aqueles pecados do povo que não estava em sua mão remediá-los. Ao

corrigir a outros, sentia em seu interior a mesma confusão e sobressalto que podia dar aos repreendidos; pelo que não omitia coisa que pudesse suavizar suas correções. Deste modo, ganhando sua confiança e seu afeto, os conduzia facilmente à virtude. Sua casa e família parecia tão regulada como um mosteiro edificante. Encheu todas as províncias que tinham a ventura de participar de sua proteção, e especialmente a cidade de Magdeburgo, de casas religiosas e de outros monumentos de caridade e piedade, e promoveu zelosamente a conversão dos rúgios e de outros infiéis. No último ano de sua vida fez uma viagem ao reino da Borgonha, a reconciliar com Rodolfo, seu sobrinho, os vassalos daqueles domínios, e morreu no caminho, em Seltz, na Alsácia, no ano de 999. Seu nome é honrado em calendários de várias igrejas da Alemanha, ainda que não no romano. Uma porção de suas relíquias se conserva numa custosa urna do tesouro de relíquias de Hanôver, e se faz menção dela na lipsanografia do palácio eleitoral de Brunswick-Lüneburg, impressa no ano de 1713. (Butler.)

Os Três Santos Meninos Ananias, Misael e Azarias

Estavam cativos em Babilônia, juntamente com Daniel, os nobilíssimos jovens hebreus Ananias, Misael e Azarias, quando ao rei Nabucodonosor se lhe antolhou mandar que dos filhos de Israel que gemiam na escravidão e da estirpe de seus reis e grandes se escolhesse certo número de meninos nos quais não houvesse defeito, de boa presença e instruídos em todo saber, hábeis em ciência e bem disciplinados, e que se lhes ensinassem as letras e a língua dos caldeus, e que se os mantivesse com delicados manjares de sua própria mesa, para que ao cabo de três anos ficassem ao imediato serviço de sua pessoa. Foram do número destes Daniel e os três jovens mencionados, Ananias, Misael e Azarias, aos quais o prefeito dos eunucos, por ordem do Rei, mudou os nomes, chamando a Daniel Baltasar, como pronosticando a cabida e graça que havia de ter com os reis de Babilônia, dos quais era aquele nome; a Ananias, Sidrac; a Misael, Misac; e a Azarias, Abdênago. Mas Daniel e seus três companheiros, com zelo santo de sua lei, propuseram entre si não contaminar-se com os manjares da mesa do Rei nem com o vinho de sua bebida; e rogaram ao prefeito dos eunucos que não os forçasse a comer faltando a sua consciência. Movido por Deus o coração do prefeito, este lhes respondeu: «Temo eu do Rei meu senhor, o qual vos assinalou comida e bebida, que, se vir vossos rostos mais magros que os dos outros jovens vossos coetâneos, fareis que o Rei me condene à morte.» Insistiram Daniel e seus três companheiros, dizendo-lhe: «Faze conosco a prova por dez dias, e que nos deem legumes a comer e água a beber, e segundo vires, farás com teus servos.» Anuiu o palaciano e, aos dez dias de prova, viu seus rostos melhorados e mais cheios de carne que os de todos os jovens que comiam das viandas do Rei; pelo que lhes permitiu que seguissem com aquele método que tão bem lhes assentava.

Em prêmio de sua boa intenção e fidelidade, outro milagre fez Deus com estes jovens israelitas, dando-lhes ciência e inteligência em todo livro caldeu em que se continham as ciências e invenções daquela nação e sabedoria grande; melhorando porém a Daniel na inteligência de visões e sonhos: de tudo o que fez Nabucodonosor experiência a seu tempo e achou que eles excediam

extraordinariamente a todos os adivinhos e magos de seu reino. Ficaram-se, pois, na câmara do Rei, sendo logo exaltados e estabelecidos sobre as obras das províncias de Babilônia, cujas obras, diz o Hebreu, eram as de agricultura.

Ensoberbecido Nabucodonosor de ver-se levantado na monarquia primeira, segundo lhe havia revelado Daniel, mandou fabricar uma estátua de ouro de sessenta côvados de altura e seis de largura e pô-la num campo fechado perto de Babilônia. E querendo celebrar de um modo notável sua dedicação, mandou que se achassem presentes a esta solenidade todos os príncipes, sátrapas, magistrados e pessoas constituídas em dignidade de seu reino; e que, ao ouvir o som dos instrumentos músicos, prostrando-se todos, adorassem a estátua de ouro, com pena de que os rebeldes que não a adorassem prostrados fossem lançados no instante num forno de fogo ardente. Acharam-se presentes a este espetáculo, por razão de sua dignidade, os três hebreus amigos de Daniel (estando este ausente de Babilônia, segundo se colige da Escritura e o afirma Nicolau de Lira), Ananias, Misael e Azarias; mas estiveram firmes em não adorar a estátua de ouro; pelo que, sendo acusados ao Rei de haver desobedecido a seus decretos, indignado este contra eles, ouvindo-os dizer que antes queriam ser lançados no fogo que adorar a outro Deus que o de Israel, que era poderoso para tirá-los do forno de fogo ardente e livrá-los de suas mãos, mandou que se acendesse o forno sete vezes mais do que costumava acender-se e que fossem lançados nele aqueles três moços atados de pés e mãos. Mas o fogo devorou os que o atiçavam, e o Anjo do Senhor desceu ao forno aceso, e com ele passeavam Ananias, Misael e Azarias em meio das chamas, desatadas suas ligaduras e consumidas pelas mesmas chamas. O fogo subia ao céu, tanto que a chama se levantou quarenta e nove côvados; mas o Anjo do Senhor, sacudindo a chama para fora do forno, fez que soprasse como um vento fresco e úmido que os recreava, de maneira que nenhuma pena sentiam. Então aqueles três jovens, como com uma só boca, louvavam, glorificavam e bendiziam a Deus, dizendo o cântico bem celebrado e repetido na Igreja, que começa: *Benedictus es, Domine Deus patrum nostrorum*, etc.

Diz Villegas que o assinalar a Escritura que se levantava a chama quarenta e nove côvados denota que este fogo era figura do do inferno, aonde a chama não chega ao número de cinquenta, que é o ano do Jubileu, porque nunca o haverá nem perdão para os que nele são atormentados, mas que será e é eterno. Nas adições do Mestre das histórias se adverte que, ao tempo em que se canta na missa do Sábado Santo a profecia onde se contém esta história, na oração que vai nela não se diz *Flectamus genua*, por razão de que os três santos hebreus não quiseram ajoelhar-se à estátua de Nabucodonosor.

Visto pelo Rei o que se passava e admirado de que o fogo não queimasse os três moços, havendo queimado seus soldados, como de que se vissem quatro pessoas dentro do forno, aonde só haviam lançado três, exclamou: «Saí do forno, servos do Deus altíssimo.» E no instante saíram, e viu-se que o fogo não os havia tocado e que nem um só cabelo se havia atrevido a queimar-lhes, nem sequer a deslustrar-lhes as vestes. Em consequência do portento, expediu Nabucodonosor um edito proibindo, sob pena de vida, blasfemar o nome do Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, adorando o Deus que eles adoravam e louvando o que haviam feito de não adorar a outro, pois era tão poderoso, e depois os promoveu a cargos honoríficos por diversas partes de seu reino.

Segundo refere Ribadeneira, os três amigos foram enterrados numa cova, sepulcro real, em Babilônia, onde alguns anos depois foi também sepultado seu companheiro o santo profeta Daniel, a todos os quais, isto é, Daniel e seus amigos, Santo Atanásio chama Mártires gloriosos. Os corpos destes quatro Santos foram trasladados de Babilônia a Alexandria e depois a Veneza, de onde uma perna de São Daniel foi trasladada a Vercelli, onde hoje se guarda com grande veneração como inestimável tesouro, e a maior parte das relíquias dos três santos meninos se guardam hoje em Roma com a mesma veneração na diaconia de Santo Adriano; e em Alexandria se edificou um templo magnífico para venerar nele uma mão que ficou de um dos santos meninos. As vidas destes gloriosos Santos se acham em vários lugares da sagrada Escritura, em especial no livro I dos Macabeus, capítulo 2, onde se os canoniza por Santos, como igualmente na mesma profecia de Daniel. Sobre ela escreveram também todos os santos Padres, comentadores daqueles lugares, e em particular Santo Epifânio, *De vit. et inter. Prophet.*, cap. 2 e 10. (Veja-se a história de Daniel entre as do dia 10 de abril.) A missa é do comum dos Santos confessores pontífices, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Adonis, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, as súplicas que vos oferecemos na festa do bem-aventurado Ado, vosso confessor e pontífice; e absolvei-nos de todos os nossos pecados pelos méritos e intercessão de um Santo que vos serviu tão dignamente. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 8,35-37

> **Latim:** [35] Quis ergo nos separabit a caritate Christi ? tribulatio ? an angustia ? an fames ? an nuditas ? an periculum ? an persecutio ? an gladius ? [36] (Sicut scriptum est : Quia propter te mortificamur tota die : æstimati sumus sicut oves occisionis.) [37] Sed in his omnibus superamus propter eum qui dilexit nos.

Português: [35] Quem nos separará pois do amor de Christo? será a tribulação? ou a angustia? ou a fome? ou a desnudez? ou o perigo? ou a perseguição? ou a espada? [36] (Assim como está escrito: Porque por amor de ti somos entregues á morte cada dia: somos reputados como ovelhas para o

matadouro.) [37] Mas em todas estas cousas sahimos vencedores por aquelle, que nos amou.

Reflexões

Quem nos separará do amor de Jesus Cristo? Nada há mais natural que esta conclusão que tira São Paulo; o que pasma é que esta conclusão não esteja no coração e na boca de todos os fiéis. Jesus Cristo morreu por todos: é, além disto, nosso medianeiro no céu; quem nos separará, pois, de seu amor? Podemos ter motivos mais justos, mais obrigatórios, mais interessantes, mais fortes, quer se considerem seus benefícios, quer se atenda ao que merece sua pessoa? Temeremos padecer por quem não recusou morrer por nós? Não, Senhor; ao lembrar-me do que padecestes, parece-me sentir-me com bastante ânimo, mediante a ajuda de vossa graça, para desafiar todos os males, a que não são capazes de separar-me jamais de vós; dai-me assim mesmo forças para triunfar dos deleites mais lisonjeiros e mais sensíveis ainda que os próprios tormentos. Um cristão deveria perguntar-se a miúdo a si mesmo: o que o mundo tem de mais amável ou de mais terrível poderá separar-me de Jesus Cristo? Se para fazer uma brilhante fortuna não fosse necessário mais que cometer um pecado secreto, permaneceria eu fiel? O que seu coração lhe responda então lhe fará conhecer se ama a Deus. Se o coração houvesse de falar o que sente, oh, e quanto é de temer que Jesus Cristo reconheceria poucos servos fiéis! Há necessidade de semelhantes provas para descobrir a fraqueza de nosso amor? Por ventura não mostra bastante ser semelhante a esses fogos artificiais que o menor sopro apaga, a essas flores tenras e delicadas que à menor geada murcham e se queimam? Nada mais ruim, nada mais débil que nosso amor ao Salvador: julguemo-lo por nossa indiferença, por nosso pouco respeito no templo, por nossa pouca solicitude por agradar-lhe; acrescentemos por nossa espantosa serenidade depois de havê-lo ofendido. Isto aturde e repugna a todo espírito cristão; isto parece inacreditável aos próprios bárbaros. Jesus Cristo possui e tem em si só todas as qualidades e perfeições capazes de mover e ganhar todos os corações: Jesus Cristo é nosso Deus, nosso Redentor, nosso Rei, nosso Medianeiro, nosso Salvador, nosso Pai. Nós não ignoramos o que fez por nós; não fez bastante? Ah, que por ganhar-nos e obrigar-nos a amá-lo fez mais do que podemos crer! E com tudo isto nós não amamos a Jesus Cristo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus (o impresso remete à pág. 485, isto é, ao dia 11).

Mateus 24,42-47

> **Latim:** [42] Vigilate ergo, quia nescitis qua hora Dominus vester venturus sit. [43] Illud autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias qua hora fur venturus esset, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [44] Ideo et vos estote parati

> : quia qua nescitis hora Filius hominis venturus est. [45] Quis, putas, est fidelis servus, et prudens, quem constituit dominus suus super familiam suam ut det illis cibum in tempore ? [46] Beatus ille servus, quem cum venerit dominus ejus, invenerit sic facientem. [47] Amen dico vobis, quoniam super omnia bona sua constituet eum.

Português: [42] Velai pois, porque não sabeis a que hora há de vir vosso Senhor. [43] Mas sabei, que se o pai de familia soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria sem duvida, e não deixaria minar a sua casa. [44] Por isso estai vós tambem apercebidos: porque não sabeis em que hora tem de vir o Filho do homem. [45] Quem cres que he o servo fiel e prudente, a quem seu senhor poz sobre a sua familia, para que lhes dé de comer a tempo? [46] Bemaventurado aquelle servo, a quem seu senhor achar nisto occupado quando vier: [47] na verdade vos digo, que elle o constituirá administrador de todos os seus bens.

Meditação

Sobre o amor que devemos ter a Deus

Primeiro ponto

Considera como é coisa estranha que tenhamos necessidade de que se nos prove que devemos amar a Deus e que haja sido necessário impor-nos um preceito de amar um Deus infinitamente amável e que nos ama infinitamente, e isto sob as mais graves penas; mas o que ainda pasma mais, o que repugna a todo entendimento que não perdeu a razão é que, com todas estas razões tão convincentes que temos para amar a Deus; com este mandamento tão expresso e tão positivo de amar a nosso Deus; com o conhecimento de todas as venturas e de todas as horríveis penas que cairão sobre todos os que não houverem amado a Deus: este Deus tão bom, tão poderoso, tão justo, tão benéfico, não seja amado. Eis aqui uma coisa que parece tão incompreensível como a própria eternidade. Que havemos de conhecer o sumo Bem, a fonte de todos os bens, o único verdadeiro bem, e não havemos de amá-lo! É preciso, meu Deus, que sejais bem pouco conhecido, quando tão poucas pessoas vos amam; é preciso que o coração do homem seja muito perverso se, conhecendo a Deus, não o ama. Se Deus não nos houvesse mandado expressamente que o amássemos, talvez se poderia dizer que o não sentir esta extrema ternura para com ele é uma espécie de respeito que lhe temos. Mas pois nos permite, e até nos manda, que o amemos, quem pode deixar de amá-lo? Que coisa há em todo o universo, em todas as criaturas existentes e possíveis, que coisa há capaz de mover nosso coração que não a possua Deus eminentemente? Grandeza, formosura, poder, bondade: vós não sois em todos os objetos criados senão umas sombras muito imperfeitas. Deus só é grande, formoso, poderoso, bom. Nas criaturas as qualidades amáveis estão divididas em diferentes sujeitos e regularmente estão acompanhadas de tantos defeitos que por via de regra não agradam senão de longe: Deus só tem todas as perfeições

sem mistura alguma que possa desagradar. Quanto mais de perto se o vê, mais se o admira. Não há coisa nele que não te mova e te leve a amá-lo. Entre os homens a majestade inspira respeito, mas nem sempre ganha os corações: em Deus sua infinita grandeza o faz ainda mais amável. O entendimento se perde neste oceano infinito de perfeições puras e infinitas; mas o coração do homem encontra nele sua verdadeira felicidade. Assim o que faz a suma bem-aventurança dos predestinados no céu é ver a Deus e possuí-lo; daqui nasce aquele amor divino que enche de gozo, de doçura, de paz e de inefáveis delícias os homens e os Anjos. Pode-se dizer que os bem-aventurados no céu não são senão entendimento e coração, para não conhecer nem amar senão a Deus. Oh, que consolo! Oh, e que satisfação a que produz este amor! E por que não começaremos desde esta vida a gostar da bem-aventurança dos Santos, amando a Deus de todo o coração?

Segundo ponto

Considera que o amor das criaturas é uma paixão inquieta e turbulenta que faz o coração escravo e o sujeita a outras mil paixões; mas o amor de Deus é doce e tranquilo, extingue as paixões desordenadas, sacia a alma e a põe naquela ditosa liberdade de que gozam os filhos de Deus. Por mais que façamos, por mais amável e cabal que seja o objeto a que se afeiçoa nosso coração sobre a terra, não é capaz de fazer-nos ditosos um só momento. Oh, e quantos acidentes adversos, quantas mudanças não previstas, quantos reveses, quantos transtornos de coisas turbam todos os dias nosso repouso! O temor, ou por melhor dizer, a segurança de perdê-los um dia nos sobressalta e inquieta continuamente. O amor das criaturas é inseparável da inquietação, do pesar e da tristeza. Vós só, meu Deus, que sois toda a minha felicidade, vós só podeis ser meu todo o tempo que eu quiser. Nenhuma aventura, nenhum acidente, nenhum poder inimigo pode roubar-me meu tesouro: não tenho que temer num objeto tão amável nem desgosto nem mudança. Ainda na suposição de que se encontre um objeto criado digno de nosso amor, quem poderá assegurar-nos de que ele nos julgará dignos do seu? Este Deus tão poderoso, tão perfeito, tão amável não só não desdenha de nosso coração, mas se compraz nele; gosta, por dizê-lo assim, e quer fazer deste coração suas delícias: *deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* Um nascimento obscuro, um entendimento mediano, uma desgraça te fazem o refugo do mundo. Mas sabes que, se amas a Deus, este Deus te olha com olhos de complacência. Os grandes não fazem caso de ti; mas Deus te ama. Teus concorrentes, teus invejosos te aborrecem; mas Deus te quer; e não amarás a teu Deus? Que sentimentos de reconhecimento e de amor não se excitariam em nosso coração se soubéssemos que o maior Rei do universo nos honrava com sua amizade e benevolência? Vós me amais, meu Deus; todas as coisas mo dizem; todas mo provam; todas mo demonstram; e eu não vos amarei a vós!

Isto está feito, meu Deus: eu vos amarei, Deus de meu coração, e ponho por testemunhas o céu e a terra de que não quero viver senão para amar-vos. Fazei, Senhor, que esta resolução seja eficaz.

Jaculatórias

Eu vos amarei, Senhor, a vós, que sois toda a minha fortaleza. (Sl 17.)

Que coisa há no céu e na terra, Deus de meu coração, que eu queira e possa amar fora de vós? (Sl 72.)

Propósitos

1. Lembra-te de que toda a nossa felicidade neste mundo e no outro não consiste, propriamente falando, em outra coisa senão em amar a Deus; e que todos os exercícios de piedade não servem senão para fazer-nos amar a Deus cada dia mais; e que não temos mérito nem valemos nada se não amamos a Deus. Eis aqui o alvo a que devem dirigir-se todas as nossas devoções e exercícios espirituais. Excita-te a este amor de Deus terno e afetuoso; acostuma-te a dizer frequentemente durante o dia e durante a noite: eu vos amo, meu Deus. Procura fazer todas as tuas boas obras por amor de Deus. Se visitas os pobres enfermos ou encarcerados, se perdoas as ofensas, se dás esmola, faze todas estas coisas como outras tantas provas que dás a Deus do amor que lhe tens.

2. Pensa a miúdo em tuas meditações quão digno é Deus de ser amado; quão infelizes são os que não o amam e quão felizes os que o amam. Convence-te bem de que toda a nossa fortuna consiste em amar a Deus; e que sem este amor somos nada, ainda que fôssemos os primeiros homens do mundo: *sine charitate nihil sum.* Ensina frequentemente a teus súditos e a teus filhos esta importante lição: pede a Deus seu amor em todas as tuas orações; e em cada comunhão dize a Jesus Cristo com São Pedro: Senhor, vós sabeis que vos amo; ou com Santo Agostinho: Atrevo-me a dizer, Senhor, que estou certo de que vos amo. Finalmente, faze todos os dias esta bela petição de Santo Inácio: Dai-me, Senhor, só vosso amor com vossa graça, e estou bastante rico e bastante contente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:00 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:00 by Admin